

274



CANTATE · DOMINO  
CANTICVM · NOVVM

SOCIEDADE  
CORAL DE  
L I S B O A

# TEATRO RIVOLI

5 de Abril de 1944, às 21,30 horas

2.º CONCERTO DA

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

### PROGRAMA

#### 1.ª PARTE

### MESSIAS . . . . . HÄNDEL

#### FRAGMENTOS DA ORATÓRIA PARA SOLOS, CÔRO, ÓRGÃO E ORQUESTRA

<i>Orquestra</i>	<i>Abertura</i>	Ária (contralto) ...	«Foi desprezado»
Arioso (tenor) ...	«Povo meu alegrai-vos todos»	Côro ... ..	«Certo! Certo! Éle sofreu...»
Ária (tenor) ... ..	«Todo o vale vai ser alteado»	Côro ... ..	«Pelas suas dores fomos sal- vos»
Côro ... ..	«E a glória de Deus Criador»	Côro ... ..	«Tal qual ovelhas sem guar- dador»
Recitativo, ária e côro (contralto)	«Se levas a Boa Nova a Sião»	Recitativo e ária (tenor) ... ..	«Olhai e vêde!»
Ária (soprano) ...	«Exultai!»	Recitativo e ária (tenor) ... ..	«A sua alma não foi ao escuro inferno»
Côro ... ..	«E um menino nos foi dado»	Côro ... ..	«Vamos desatar o laço»
Orquestra ... ..	Sinfonia Pastoral	Ária (soprano) ...	«Que rasto formoso deixa aquêles»
Recitativo (sopra- no) ... ..	«Nos arredores viviam os pas- tores»	Côro ... ..	«Aleluia!»
Côro ... ..	«Glória a Deus»		
Recitativo e ária (soprano) ... ..	«Ária do Bom Pastor»		
Côro ... ..	«Eis o Cordeiro de Deus»		

#### SOLISTAS

Ans Bierman	Soprano
Fernanda Coelho	Contralto
Raúl Santos	Tenor

Versão portuguesa do Prof. Manuel de Oliveira

#### 2.ª PARTE

MISSA SOLENE ... .. FREDERICO DE FREITAS

(para 4 vozes solistas, côro e Orquestra)

1 - <i>Kyrie.</i>	4 - <i>Sanctus.</i>
2 - <i>Glória.</i>	5 - <i>Benedictus.</i>
3 - <i>Credo.</i>	6 - <i>Agnus-Dei.</i>

#### SOLISTAS

Ans Biermann	Soprano
Maria Luíza Vieira Lisboa	Meio-soprano
Raúl Santos	Tenor
Dr. Silva Santos	Baixo

Orquestra Sinfônica Nacional sob a Direcção do Maestro

### FREDERICO DE FREITAS

ÓRGÃO GENTILMENTE CEDIDO POR CASTANHEIRA & C.ª, SUC.ª  
R. do Almada 170 a 174—PÓRTO—Tel. 4616

# GEORGE FREDERIC HANDEL

(HALLE, 23-II-1685 † LONDRES, 14-4-1759)

## M E S S I A S

A obra assombrosa de Georg-Friedrich Haendel (ou Georg Frideric Handel, como passou a escrever depois da sua naturalização inglesa) afigura-se-nos ainda mais surpreendente ao considerarmos que uma grande parte dela foi concebida e escrita em condições materiais e espirituais que para o comum das gentes seriam inibidoras do mínimo esforço de criação artística e muito especialmente da criação musical.

Esse gigante da música que susteve quasi por completo a evolução da música inglesa desde Purcell até à segunda metade do século XIX, era forçosamente também um gigante de corpo e um gigante de alma. No seu tempo chamaram-lhe «o grande urso» (R. Rolland-*Portrait de Haendel*). As suas cóleras eram terríveis; a sua caridade imensa.

Pode parecer um pouco unilateral dizer-se que Haendel foi principalmente um compositor de óperas. Já não parecerá tão estranho que se diga que ele foi um compositor dramático excepcional. As suas oratorias nem sempre são de assunto sacro e mesmo algumas destas foram concebidas primitivamente como obras para a cena. É sabido que as dificuldades postas pelos poderes eclesiásticos foram então o óbice que impedia tais realizações. Considerava-se então que o simples nome *Messias* afixado num cartaz de teatro implicava crime de, pelo menos, falta de respeito intolerável. Assim esta obra foi anunciada primitivamente sob o título «A Sacred Oratorio».

O «*Messias*» sobre textos bíblicos apresentados a Haendel no verão de 1741 por Charles Jennens — um monstro de vaidade que nem sequer fôra o autor da escolha dos trechos que mais tarde se pôde atribuir ao seu secretário Pooley — foi composto no espantoso lapso de tempo de 24 dias num período da vida de Haendel em que a sua glória parecia para sempre sepultada nos escombros de mais uma falência. Durante a vida do seu Autor, a obra foi quasi exclusivamente apresentada em espectáculos de beneficência. Só depois da sua morte foi publicada a partitura (1767) cuja composição e instrumentação se finalizara em 14 de Setembro de 1741, tendo-se conservado mais ou menos secreta até Março de 1742.

Convidado a visitar a Irlanda, Haendel veio a estrear o «*Messias*» em Dublin em 13 de Abril de 1742, num concerto cuja receita se destinava à Sociedade de Prisioneiros por Dívidas — em cujo número Haendel esteve várias vezes em risco de cair —, à Enfermaria Gratuita dos Pobres, e ao Hospital Mercer, de Dublin. O anúncio especificava que as senhoras se deviam apresentar «sem crinolines e os cavalheiros sem espada». Uma multidão que não conseguira bilhete comprimia-se na rua.

A primeira audição foi dada pelos coros de duas catedrais — é de notar que não muito numerosos —, os dois solistas masculinos foram pouco felizes mas os femininos — Mrs. Cibber (Miss Susanna Arne) e a Sign. Avoglio — foram excelentes intérpretes. Quando Mrs. Cibber cantou a célebre ária «*He was despised*» (Foi desprezado...). Delany exclamou: *Womann For this thy sins be forgiven thee.* (Mulher por isto os teus pecados te serão esquecidos).

Sobre o conjunto desta obra magnífica deve lembrar-se a resposta de Haendel a Lord Kinnoul que o felicitava pelo agrado demonstrado pelo público: «*My Lord! I should be sorry if I only entertained them; I wished to make them better.*» (Senhor! Ficaria triste se somente vos distraísse; eu queria fazer-vos melhores).

O plano de «*Messias*» é monumental — adjectivo comum a tantas e tantas obras de Haendel. Como ouviremos esta noite apenas alguns trechos da oratória será sobretudo a êles que nos vamos referir em breves linhas.

A primeira parte que se inicia por uma «Abertura» em mi menor — com um fugato no movimento vivo —, prepara o Advento do Messias e descreve, indirectamente, a Anunciação, o Natal e o Bom Pastor. Em seguida à abertura ou Sinfonia, o tenor canta as profecias de Isaías («Povo meu alegrai-vos todos»).

Passando à tonalidade de mi maior («*Todo o vale vai ser alteado...*») é-nos descrita a revolução social que o cristianismo vai iniciar. Irrompe então o coro «E a glória de Deus Criador...» em plena e grandiosa sonoridade.

Depois de vários números o contralto expõe numa ária («Se levas a boa nova a Sião...») precedida do correspondente recitativo («Sabei. Uma virgem conceberá») o mistério da Incarnação. O coro sobre as palavras do recitativo anterior, manda espalhar a Boa Nova e estendê-la por toda a Judeia.

É chegado o tempo do Natal. Um coro pastoral («E um menino nos foi dado») anuncia o nascimento do Messias, cujos nomes, entoados em fortes sonoridades como que a ressoarem por todos os cantos do mundo, serão «O Salvador, o Bom Pastor... O Rei da Paz». A este número segue-se a célebre «Pifa» ou sinfonia pastoral em que Haendel teria reproduzido a seu modo a melodia dos «pifferari» pastores calabreses que celebravam na sua linguagem musical simples, o advento do Redentor.

Um soprano descreve o ambiente («Nos arredores viviam os pastores») Os anjos descem dos Ceus à terra e entoam o *Gloria in excelsis Deo* (coro com clarins: «Glória a Deus nas Alturas...») Surge agora a célebre ária «Rejoice» («Exultai») confiada ao soprano, num canto muito ornamentado e entusiástico celebrando a vinda do Messias cujo jugo será leve porque a sua lei é a lei do Amor. A «Ária do Bom Pastor» que tem sido confiada só a contralto, contralto e soprano, cu só soprano, será apresentada nesta última forma.

A segunda parte da oratória abre com as cenas trágicas da Paixão do Salvador e termina pelo famoso «Aleluia» que em Inglaterra se ouve tradicionalmente de pé desde que o rei Jorge I deu o exemplo ao ouvir este cântico espantoso que fez chorar o seu próprio autor. *Vi os ceus perante mim e o próprio Deus em toda a sua grandeza* («*I did think I did see all Heaven before me, and the Great God Himself*»), disse Haendel.

A emoção que transparece e se transmite aos auditores na seqüência dos coros de abertura da segunda parte do «MESSIAS» é indescritível («Eis o Cordeiro de Deus» «Certo! Certo! Ele sofreu, «Pelas suas dores fomos salvos»). Como disse Felix Raugel «*Ici, toute analyse est déconseillée*» (R. Rolland et Felix Raugel, «*Le Messie de J. F. Haendel*». Paris 1912). Entre os dois coros citados em primeiro lugar situa-se a ária de contralto «He was despised» («Foi desprezado») a que já acima nos referimos, melodia da mais alta expressão de dor e compaixão pelos sofrimentos de

Deus-Hmem. Os coros «Tal qual ovelhas sem guardador» descrevem a confusão dos povos no pecado em ritmos dispersivos. Pausa geral. «E o Senhor tomou para Si os pecados de todos nós» é a predição terrível e ao mesmo tempo consoladora. Todos os meios sonoros se unem para anunciar o mistério da Redenção:

O tenor, num canto triste precedido dum recitativo («Olhai e Vêde») celebra a morte do cordeiro de Deus. Mas o Pai não abandonará o Seu Filho («A sua alma não foi ao escuro inferno») canta a mesma voz numa melodia simples e puríssima. O soprano canta agora as consolações da nova doutrina («Que rasto formoso deixa aquêle...»). Um côro impetuoso («Vamos desatar o laço...») repudia as cadeias do novo jugo. Mas a vitória final avizinha-se sobre todas as persiguições e irrompe o sublime «Aleluia!» que Hendrick Van Loon diz com espírito ser considerado em Inglaterra como que «uma espécie de hino nacional do céu». Na terceira parte desta construção dum grandiosidade sem par descreve-se a missão dos Apóstolos e o triunfo do Cristianismo.

O «Messias» de Haendel não necessita mais amplas notas. O seu poder de sugestão tanto da mestria técnica como da fé íntima e robusta de quem a compôs em vinte e quatro dias durante os quais, como êle dizia da composição do «Halleluia!» só Deus poderia dizer ao certo se estava ou não no seu corpo (paráfrase de S. Paulo).

Haendel foi um cosmopolita do período barroco. Educado na severa escola alemã, aprende em Itália a arte da melodia vocal. Em Inglaterra recolhe a tradição de Purcell. Como os seus contemporâneos não receia servir-se (a prova fê-la Sigmund Spaeth) das obras dos seus colegas (como Corolli, Keyser, Stradella, Pachelbel, Carissimi, Telemann, etc.) mas sempre dando-lhes novos valores e encantos.

Desde que Mozart reinstrumentou a partitura do *Messias* (como várias outras obras de Haendel), um pouco para «vestir à época», um pouco para facilitar a sua execução (dispensando de certo modo o órgão, adicionando-lhe novas partes, etc.), inúmeras versões se têm apresentado, em geral com o fim de equilibrar coros gigantescos, abuso contra o qual já Burney se insurgia. Em geral, como diz J. A. Westrup, apenas se consegue uma «barragem de som» onde Haendel queria simplicidade e clareza. O côro deve pois ser relativamente pouco numeroso e quando se não poder servir de órgão competente (nesta audição apenas dispomos de *harmonium*) é justificável a utilização da versão orquestral de Mozart na parte que remedia este inconveniente. Para as árias utilizámos geralmente a versão original da orquestra de Haendel.

Devemo-nos sempre lembrar que Haendel nunca reinstrumentou a partitura do «*Messias*», relativamente escassa de instrumentos, como fêz com outras suas obras. A sua intenção especial estava pois perfeitamente definida e não resultava da pobreza de meios da ocasião.

## MISSA SOLENE

*Frederico de Freitas*

*FREDERICO de Freitas, aluno laureado do Conservatório Nacional de Lisboa, onde se diplomou com o curso superior de composição, ganhou em concurso de provas públicas em 1926, o pensionato do Estado no Estrangeiro.*

*Das suas composições já em número elevado muitas têm sido tocadas pelas orquestras sinfónicas de Londres, BBC, Paris, Berlim, Colónia, Bordeus, Ostende, Rio de Janeiro, Boston, Madrid, etc., merecendo de críticos ilustres o mais lisonjeiro acolhimento. Como director de orquestra, tem realizado uma obra de divulgação muito apreciável, merecendo-lhe carinho especial a música portuguesa. Tem realizado muitos concêrtos dedicados exclusivamente à música nacional e muitas obras tem apresentado em primeira audição. Igualmente a música portuguesa antiga lhe tem merecido o maior carinho, e dos seus trabalhos de estudo e investigação feitos nas nossas bibliotecas, muitas composições portuguesas do século XVIII tem dado a conhecer ao público, nos seus concêrtos, realizados não só em Portugal como em Espanha, Holanda, França, Brazil, etc. O maestro Frederico de Freitas, ocupa desde 1935 o cargo de Director de orquestra da Emissora Nacional.*

*Transcrevem-se as palavras escritas na partitura da «Missa Solene» do Maestro Frederico de Freitas, pelo professor do Curso Superior de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa, Sr. António Eduardo da Costa Ferreira:*

*«Sinto o maior prazer em poder afirmar que a magnífica impressão que me causou a audição «Missa Solene» de Frederico de Freitas, acaba de ser plenamente confirmada pela análise que venho de fazer à respectiva partitura.*

*Se é certo que o autor, ao elaborar o plano desta sua obra, se afastou por completo das prescrições estabelecidas pelos dogmas da liturgia católica, não é menos certo que, preferindo optar pelo emprêgo do estilo livre, como o fizera Beethoven na «Missa Solenis» e Berlioz no «Requiem», conseguiu assim ver realizada a sua aspiração: o enriquecimento da produção nacional por uma obra de real valor, uma grande obra religiosa, notável sob todos os pontos de vista.*

*«Efectivamente, quer no que diz respeito à solidez da sua arquitectura, quer no que se observa quanto à riqueza da sua polifonia e à maneira superior como as vozes são tratadas, quer ainda no que se refere ao brilhantismo da sua orquestração esta obra é digna de figurar ao lado das obras de idêntico estilo da autoria de algumas das mais notáveis figuras da História da Música.*

*«E porque assim o julgo, sinto verdadeiro orgulho em poder contar no número dos meus mais dilectos discípulos o autor da «Missa Solene» em «Rê maior».*

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

*Foi no Ano Áureo de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Duplo Centenário, no Acto Solene de Sagres, a «Missa Solene» de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial da Exposição do Mundo Português.*

*Nos serões Medieval e Manuelino, realizados em espectáculos de gala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas. A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização devem-se a êle e a uma comissão composta das Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Elisa de Sousa Pedroso, D. Laura Wake Marques, D. Ana Bierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernandez de Freitas. Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentou-se a Sociedade Coral de Lisboa pela primeira vez oficialmente, em 3 concêrtos, com a «Magnificat», de J. S. Bach e a «Missa Solene» de Frederico de Freitas.*

*Desde então a Sociedade Coral de Lisboa, dirigida artisticamente pelo maestro Frederico de Freitas, apresentou em primeira audição integral «Elias» de Mendelssohn, o «Stabat Mater» de Pergolesi, «O Dilúvio» de Saint-Saëns, e fragmentos da «Oratória do Natal» de Bach.*

*É justo assinalar, nesta pequena resenha em que sucintamente se foca a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.*

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

África Cabral  
Alice da Luz e Silva de Freitas  
Alice Magalhães  
Alice Rebelo  
Ans Bierman de Brito Aranha  
Beatriz Vizeu Pinheiro Santos  
Bertha Blanc de Portugal  
Bertha Borges  
Consuelo Fernandez de Freitas  
Elvira Manuela Fernandez de Freitas  
Ema Bresolin  
Ema Diniz Gonçalves  
Fernanda Coelho  
Filomena Arez Fernandes Cabrera  
Guida Sanches de Miranda  
Izabel Pêgo Bergeström  
Izabel Rebelo  
Júlia Malhado  
Júlia Passalaqua  
Julieta Boavida Silva Santos  
Laura Cordeiro  
Lia Stella  
Martha Thomas  
Maria Blanc de Portugal  
Maria Carlota Andrade  
Maria Cavalheiro Ascenso  
Maria Estrêla Monteiro  
Maria Germana Medeiros  
Maria Helena Rodrigues Costa  
Maria Helena Soares de Andrade  
Maria Ilídia Valente  
Maria Justina Pereira  
Maria Luiza Vieira Lisboa  
Maria da Luz Waza de Andrade  
Maria Paes Moreira  
Maria Rosa Pimentel Soares  
Maria Valentina Fernandes Dias  
Natália Ferreira  
Olga Violante  
Rachel de Moura Dinis  
Sarah Ramalhete  
Suzette Guedes Freire  
Zita Valadares

Alvaro António Silva  
António Almeida Cruz  
António Paes Moreira  
António Pacheco  
Artur Neves  
Bernardino da Rocha Pereira  
Carlos Charie Pinto Mourão  
Carlos José Rodrigues  
Carlos Pedreira de Brito  
Carlos Tedeschi de Azevedo  
Cezar Viana  
Eduardo Freire  
Fernando de Almeida  
Fernando Athos  
Dr. Francisco Loureiro Diniz  
Jayme da Silva  
João Pedro de Freitas Branco  
João Pinto Basto de Souza  
Dr. João Silva Santos  
Joaquim Rego Marçal  
Jorge Medeiros  
D. José Blanc de Portugal  
José Alves Pacheco  
José Condeixa  
José Freixo Boavida  
José Teixeira Lopes  
José de Oliveira Campos  
Manuel Eugénio Machado Macedo  
Manuel Gonzaga  
Manuel Lima  
Manuel do Vale Costa  
Marciano Mendonça  
Mário Simões  
Orlando Carepa  
Pedro Fernandez Cabrera  
Rafael Ferreira  
Raul Santos  
Rui Alberto  
Rui de Castro Guedes Seixas  
Salvador Costa